

QUINTA-FEIRA / 23 DE DEZEMBRO / 2021 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*



**O MEU
MENINO
JESUS**

P. 04-05

Este suplemento faz parte integrante da edição n.º 33051 do Diário do Minho. Não pode ser vendido separadamente.

OPINIÃO

O que é que nos vem à cabeça quando falamos de Natal?



CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Com a célebre obra *O Príncipezinho*, Antoine de Saint-Exupéry oferece-nos uma história encantadora, que faz as delícias de todas as gerações, sempre mágica, sempre pura e sempre actual, perdurando ao longo do tempo como se tivesse sido escrita ontem. A páginas tantas, embrenhados na história, deparamo-nos com um diálogo entre a raposa e o pequeno príncipe:

“- Adeus - disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

- O essencial é invisível para os olhos - repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

- Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... - repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

- Os homens já se esqueceram desta verdade - disse a raposa. - Mas tu não te deves esquecer dela. Ficas responsável para todo o sempre por aquilo que está preso a ti. Tu és responsável pela tua rosa...

- Sou responsável pela minha rosa...- repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.”

Nesta semana, em que celebramos o Natal, com todo o frenesim de compras, embrulhos, presentes, almoços e jantares, a que a maioria de nós não fica indiferente, muito pelo contrário, vibra com total excitação e entusiasmo, ocorre-me este pensamento: o essencial é invisível para os olhos, ou na sua versão original, "L'essentiel est invisible pour les yeux". Pode funcionar como uma espécie de âncora ou guia espiritual, que nos prende e ajuda a recordar o que é essencial e, assim como fez o pequeno príncipe, podemos repeti-lo para não esquecer.

É lindo, é mágico e é encantador, mas de que nos adianta uma árvore de Natal com mil luzinhas a piscar, com um sem número de bolas coloridas, com presentes sem fim, de todas formas, cores e tamanhos, com laços e lacinhos, a decorar a base do nosso pinheiro de Natal, se nos tivermos afastado e perdido daquilo que nos é essencial? Se não tivermos cuidado e dedicado atenção à nossa rosa? De que adianta tudo o resto se nos falta o essencial? É tempo de aprendermos com o príncipezinho, nem que tenhamos de repetir até que a voz nos doa.

Quando se fala de Natal, o que é que nos vem à cabeça? Arrisco, com elevado nível de segurança, numa espécie de risco calculado, que a resposta varia muito em função da idade, do enquadramento social e da realidade de cada um. Se para alguns o Natal é família, mesas longas e risos soltos, brindes sucessivos e desejos de vida feliz, para outros é também sinónimo de uma enorme e sufocante saudade perante os lugares à mesa que ficaram vazios. Se o Natal traduz reencontros, abraços longos e ternurentos, beijos repenicados e frases que se atropelam na ânsia de contar todas as novidades, para outros é mais uma data que acentua a solidão, a discriminação social, o abandono e a miséria. Entre sonhos e desejos, embrulhados e decorados, entre Reis Magos, Presépio e Menino Jesus, entre os presentes ansiosamente aguardados pelos mais novos, que o Natal nos recorde o que é essencial. Que nos recorde da humildade daquela gruta que foi abrigo, que foi hospedaria, que foi maternidade, que foi lar, que foi tudo. Que nos recorde que o Natal é Amor, é (re)nascer e é esperança.

Feliz e Santo Natal, na certeza que o essencial é invisível para os olhos.

DIA 24 DE DEZEMBRO

Onde há Missa do Galo na Arquidiocese em 2021



A eucaristia que assinala o nascimento de Jesus Cristo é celebrada em várias igrejas da Arquidiocese de Braga.

Arciprestado de Barcelos

Dia 24 (23h00)

— Igreja Paroquial de Bastuço, Santo Estevão

Dia 24 (23h30)

— Igreja Paroquial de S. Tiago de Aldreu

Dia 24 (23h55)

— Centro Paroquial da Sagrada Família em Galegos (Santa Maria)

Arciprestado de Braga

Dia 24 (23h00)

— Convento de Montariol (Paróquia de São Victor)

Dia 25 (00h00)

— Igreja Paroquial de Santo Adrião

— Igreja Paroquial de S. Pedro de Merelim

— Igreja de São Tiago de Priscos

— Sé Catedral

— Igreja Paroquial de Palmeira

Arciprestado de Eafe

Dia 24 (23h55)

— Igreja Nova de S. José

Dia 25 (00h00)

— Igreja Paroquial de Rego (São Bartolomeu)

Arciprestado de Famalicão

Dia 24 (23h00)

— Igreja Paroquial de Santa Leocádia de Fradelos

— Igreja de São Miguel-o-Anjo da Paróquia de Calendário

Dia 25 (00h00)

— Igreja Paroquial de Santa Lucrécia do Louro

— Igreja Paroquial de Santa Maria de Arnoso

— Igreja Paroquial de Santo Adrião

Arciprestado de Guimarães/Vizela

Dia 25 (00h00)

— Igreja Paroquial de São Cipriano de Tabuadelo

— Igreja Paroquial de Santa Eulália de Fermentões

— Igreja Matriz (São João de Ponte)

— Igreja Paroquial de Calvos

— Igreja de Santo Estevão de Briteiros

Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim

Dia 25 (00h00)

— Igreja Matriz de Vila do Conde

— Igreja Nova da Paróquia de Rio Mau (São Cristóvão)



PAPA FRANCISCO

21 DE DEZEMBRO 2021 · O Tempo de Advento serve para parar e perguntar-nos como preparar o Natal. Estamos ocupados com tantos preparativos, com presentes e coisas que passam, mas perguntemo-nos o que devemos fazer por Jesus e pelos outros!

21 DE DEZEMBRO 2021 · Assumamos um compromisso concreto, mesmo que pequeno, que se ajuste à nossa situação de vida, e levemo-lo a cabo para nos prepararmos para este Natal: telefonar àquela pessoa sozinha, visitar aquele idoso ou doente, fazer algo para servir um necessitado...

REFUGIADOS

Papa pede que países permitam acolhimento

Francisco incentivou ontem os países europeus a permitirem o acolhimento de migrantes e refugiados. Na audiência geral, o Papa destacou a “generosa abertura” das autoridades italianas na viagem que realizou ao Chipre e à Grécia, de onde levou um grupo de pessoas para Roma.

O líder da Igreja Católica disse ter constatado que “são poucos os países europeus que suportam a maior parte das consequências do fenómeno migratório na zona mediterrânica, embora na realidade exija uma responsabilidade partilhada por todos, da qual nenhum país se pode eximir, porque é um problema de humanidade”.

A 35ª viagem internacional do pontificado levou Francisco ao Chipre e à Grécia, de 2 a 6 de Dezembro, onde, mais uma vez, tocou “a humanidade ferida de refugiados e migrantes”.

Neste contexto, o pontífice recordou que “graças à generosa abertura das autoridades italianas” levou para Roma “um grupo de pessoas” que conheceu durante a viagem, estando algumas presentes na Sala Paulo VI.

“É um pequeno sinal, que espero que sirva de estímulo para outros países europeus, para que permitam às realidades eclesiais locais de se encarregar de outros irmãos e irmãs que precisam urgentemente de serem recolocados, acompanhados, promovidos e integrados com urgência”, acrescentou.



OPINIÃO

Diário breve de um marginal



JORGE VILAÇA

PADRE

Ninguém apareceu ao *baby shower*. Depois de um parto difícil, foi amamentado de três em três horas e teve cólicas. Bolçou. Viraram-no de barriga para baixo para aliviar a pressão do ventre. Lutou contra o sono. Mudaram-lhe as fraldas. Foi refugiado. Em algumas noites levou os pais à beira da loucura, privando-os do sono. Chorou por razões desconhecidas, sorriu com as músicas desafinadas dos pais, aprendeu a gatinhar. Caiu. As primeiras palavras foram “dadadada” e depois “bababa”. Tentaram desfraldá-lo, uma e outra vez, com uns acidentes pelo meio, até ao “finalmente”. Comeu papinhas de farinha. Fez febre por causa dos dentes. Babou-se e fez birras. Teve terrores noturnos. Estimava um pano preferido que o ajudava a adormecer. Começou a caminhar. Quis ser o centro das atenções e levou um raspanete por par-

tir um prato. Esfolou os joelhos nas pedras. Andou à buíça com os amigos da rua e adotou um rafeiro. Queimou-se na panela quente, ignorando os avisos paternos. Não foi para o infantário mas, depois, frequentou a escola para aprender o Alef-Beit. Quis esquivar-se dos trabalhos de casa. Aprendeu a defender-se. Queria sempre ter razão e foi repreendido. Perdeu-se nas horas na brincadeira com os primos, contou piadas e dançou. Não faltou a uma festa. Trabalhou, adoeceu, comeu e gostou de escutar o bêbedo da aldeia. Cortou o cabelo e as unhas, perdoou, foi à fonte buscar água e apanhou uns gravetos para o lume. Foi adolescente, uns dias mais obediente que outros. Tomava banho uma vez por semana. Vestiu-se com roupas de segunda mão e acompanhou uns fulanos, à época, suspeitos. Baptizou-se já em idade adulta. Deixou-se levar por um impulso, à data inexplicável, e preferiu os que já tinham perdido tudo. Apaixonou-se e abraçou. Falou e rezou na Sinagoga, investigou as respostas de sempre e perguntou-se pelo sentido das coisas. Pôs em causa a autoridade dos pais, dos professores e as regras estabelecidas por homens de roupas finas. Falou de Amor pelas praças. Muitos o ouviram interessados sobretudo os que não

entravam nas contas da produção. Outros acharam-no arrogante e desamigaram-no. Construiu amizades para a vida à volta da fogueira, do pão e do vinho, e deixou outras terminarem por incompatibilidade várias. Impôs-se, convicto, e muitos o temeram quando falou em dar a Vida. Não teve profissão nem casa certas e viveu do que caía das sobras dos outros. Não fez contas, nem poupanças. Silenciou quando lhe armadilharam o caminho com o diz-que-disse. Foi prisioneiro. Muitos se apaixonaram pela marginalidade que livremente escolheu. Retirou-se, sozinho, e muitos se admiraram por não se deitar na cama da fama. Caminhou muito, viajando como quem descobre o coração da casa paterna. Descobriu, contudo, por que viveu e para quem viveu.

Nunca celebrou a festa de aniversário. E isso também não interessou aos marginais que o seguiram durante quase 400 anos. Nunca soube o dia do seu nascimento, como não o sabem ainda hoje milhões de pessoas pelo mundo. “Vai acabar sozinho”, alguns deitaram-se a adivinhar. Quase terminou, de facto. Porém, até hoje, alguns marginais de coração ferido e curado, curado e ferido, ferido e curado, fazem memória da sua Vida na chamada páscoa semanal.



O MEU MENINO JESUS

TEXTO

LUÍS DA SILVA PEREIRA

Era o último dia de aulas do primeiro trimestre. Fazia muito frio. Esperava-se mesmo queda de neve, segundo diziam na televisão. Apesar disso, mal saíram da escola, o Joaquim e os amigos decidiram jogar futebol antes de seguirem para casa. Precisavam de conviver porque, durante os quinze dias das férias, não iam encontrar-se nem brincar todos juntos.

O campo de futebol ficava mesmo à frente da escola. Como era muito grande, utilizaram apenas parte dele. Fizeram duas balizas, que eram montinhos de pedras no chão, mas isso pouco importava. Corriam, fintavam, rematavam, gritavam uns para os outros:

- Passa! Deixa! Chuta agora. És um aselha! – E se marcavam algum golo, berravam como loucos:

- Goooooolo! - Lembravam os relatores de futebol que gritavam durante imenso tempo sem perderem o fôlego.

Eram capazes de jogar todo o resto da tarde, mas a certa altura repararam que o ar estava cada vez mais carrancudo, com nuvens tão negras que pareciam grandes farrapos de noite estendidos no céu. Decidiram terminar e ir cada um para sua casa.

A do Joaquim ainda ficava longe. O melhor era mesmo despacharem-se, ele e mais dois colegas, o Diogo e o Emílio, que seguiam juntos durante algum tempo, porque parte do caminho era comum. Se comesse a chover ou a nevar nem sabiam como haviam de abrigar-se. Desgraçadamente, foi mesmo o que aconteceu. Desatou a chover com tanta

força que mais parecia um dilúvio. E uma chuva gelada. Não tinham trazido impermeável nem passava ninguém que os pudesse ajudar.

Os dois amigos deitaram a correr para as casas deles e deixaram o Joaquim, que morava noutra direção. Entretanto, nova bâtega de chuva desabou, ainda mais violenta e fria, acompanhada de saraiva, uma escarduada que parecia querer partir-lhe a cabeça. Relâmpagos riscavam o céu e trovões abalavam a terra. Nessa altura, passava o Joaquim ao pé da capelinha de Santa Bárbara, mesmo à beira da estrada. Não hesitou um segundo. Subiu a correr umas escadas e abrigou-se no alpendre, todo de granito, com quatro colunazinhas sustentando o telhado, e um banco de pedra a toda a volta das paredes. Já não apanhava chuva nem pedraça, mas o vento empurrou-o para dentro da capelinha, com a porta entreaberta e frouxamente iluminada.

O soalho fora lavado há pouco, certamente para as festas do Natal, e alguém tinha começado a armar o presépio. Sentou-se. Sabia-lhe bem ouvir a chuva a bater no telhado e o vento a assobiar nas frinchas da porta e das janelas. A noite já tinha caído completamente, embora não fossem ainda seis horas. Sentia-se agora aconchegado.

Começou a reparar no presépio com mais pormenor. Ocupava toda a a frente do altar. Tinha imagens quase do tamanho dele, sobretudo Nossa Senhora e S. José. Lá estavam o burro e a vaca, a manjedoura, que mais parecia um

berço, ainda sem o Menino, pastores e ovelhas, mulheres com cântaros aos ombros e cestas na cabeça onde levavam ovos e frangos. Homens tocavam gaitas de foles e batiam em bombos. Corria um rio feito de pratas e um pescador, na margem, puxava um peixe na ponta da linha. Um burro carregava sacos de farinha e dois carpinteiros serravam um grosso tronco.

Gostava imenso daquelas figurinhas. Todos os anos se armava o presépio lá em casa e queria sempre ser ele a colocá-las. Ficava a olhá-las como que enfeitiçado, esperando que comessem a caminhar para o Menino. E olhava os anjos voando sobre as árvores, cantando e batendo pandeiretas, a banda de música com farda azul e bonés da mesma cor, marchando ao longo do presépio, uma bâtega de estrelas desabando sobre a cabana, os pastores soprando flautas, enquanto as ovelhas dançavam à roda, gatos a tocarem clarinete, o berço do Menino que parecia um aquário onde nadavam peixes com pintas vermelhas, um cão a ladrar atrás das galinhas, miúdos que faziam caretas aos camelos dos reis magos, um cavalo a correr, batendo com as patas no asfalto da estrada, um automóvel buzinando a atravessar o presépio, gente a falar alto e a chamar, talvez algum dos pastores:

- Joaqui!!!!!!!im! Joaqui!!!!!!!im!

Estranho! Era por ele que chamavam. Como é que sabiam o seu nome? Acordou sobressaltado, levantou-se e foi à porta ver. Entestou com o sacristão, que vinha fechar a capela. Estava com as mãos cruzadas sobre o peito e cara de pouco amigos. Perguntou-lhe:





- Que estás aqui a fazer? Os teus pais vão-te dizer... Anda toda a gente à tua procura.

E andava, realmente. Como demorasse a chegar, e como já era noite e chovia tanto, os pais ficaram preocupados e foram perguntar aos vizinhos se o filho estaria em casa deles.

- Não o vimos. Deve ter ido ao café ver futebol.

Começou a espalhar-se a notícia. Ninguém sabia do Joaquim. Alarme geral. Alguém sugeriu que chamassem os bombeiros para irem ver no ribeiro e nos tanques se estaria lá caído. Toda a gente percorria as ruas, esquadrihando os recantos mais escuros, os poços, as fontes, as valetas da estrada, não tivesse sido atropelado e estivesse para ali inconsciente, quem sabe se a morrer.

Quando o sacristão o encontrou na capela

a dormir, a primeira coisa que fez foi dar um berro que se ouviu pelo mundo inteiro:

- O Joaquim está aqui!!! Já apareceu!!!

E só depois é que o preveniu para um valente raspanete dos pais, senão mesmo para uma tarefa:

- Vai-te preparando. Fizeste-a bonital! O teu pai está que nem te digo...

Para evitar males maiores, acompanhou o miúdo até casa. Já se encontrava à porta um magote de pessoas querendo certificar-se de que o rapaz estava vivo e cheias de curiosidade para verem o que iria suceder.

Quando o Joaquim entrou em casa, cautelosamente, a mãe, deitada no sofá meio desfalecida, levantou-se de um salto, correu para ele aos gritos e

apertou-o contra si, com sofreguidão:

- Ó meu filho, meu querido filho! Que aflição tão grande! Que susto nos pregaste! Onde é que estavas?

Depois afagando-lhe o rosto, disse uma coisa inesperada que o Joaquim nunca mais esqueceu:

- O meu Menino Jesus! O meu Menino Jesus!

E voltou a abraçá-lo, afogada em choro e risos de alegria.

O pai deixou cair duas lágrimas, grossas como gotas de chuva, felicíssimo por ter ali o filho que se perdera. Depois, sem dizer uma palavra, sentou-o à mesa e trouxe-lhe de comer um pedacinho de cordeiro assado com arroz de forno sobre o qual vinham duas folhinhas de hortelã.

“Viemos adorá-l’O”

EPIFANIA NATAL

ITINERÁRIO

Num local apropriado coloque-se a palavra “olhar”. Pode ser no presbitério ou junto ao presépio.



ILUSTRAÇÃO DA ARO. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 60, 1-6

Leitura do Livro de Isaías

Levanta-te e resplandece, Jerusalém, porque chegou a tua luz e brilha sobre ti a glória do Senhor. Vê como a noite cobre a terra e a escuridão os povos. Mas, sobre ti levanta-Se o Senhor e a sua glória te ilumina. As nações caminharão à tua luz e os reis ao esplendor da tua aurora. Olha ao redor e vê: todos se reúnem e vêm ao teu encontro; os teus filhos vão chegar de longe e as tuas filhas são trazidas nos braços. Quando o vires ficarás radiante, palpitará e dilatar-se-á o teu coração, pois a ti afluirão os tesouros do mar, a ti virão ter as riquezas das nações. Invadir-te-á uma multidão de camelos, de dromedários de Madiã e Efá. Virão todos os de Sabá, trazendo ouro e incenso e proclamando as glórias do Senhor.

Salmo responsorial

Salmo 71 (72), 2.7-8.10-11.12-13 (R. cf. 11)

Refrão: Virão adorar-Vos, Senhor, todos os povos da terra.

LEITURA II Ef 3, 2-3a.5-6

Leitura da Epístola

do apóstolo São Paulo aos Efésios

Irmãos: Certamente já ouvistes falar da graça que Deus me confiou a vosso favor: por uma revelação, foi-me dado a conhecer o mistério de Cristo. Nas gerações passadas, ele não foi dado a conhecer aos filhos dos homens como agora foi revelado pelo Espírito Santo aos seus santos apóstolos e profetas: os gentios recebem a mesma herança que os judeus, pertencem ao mesmo corpo e participam da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho.

EVANGELHO Mt 2, 1-12

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, quando chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente. “Onde está – perguntaram eles – o rei dos judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l’O”. Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade de Jerusalém. Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: “Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo Profeta: «Tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá um chefe, que será o Pastor de Israel, meu povo»”. Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela. Depois enviou-os a Belém e disse-lhes: “Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-l’O”. Ouvido o rei, puseram-se a caminho. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente seguia à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino. Ao ver a estrela, sentiram grande alegria. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e, prostrando-se diante d’Ele, adoraram-n’O. Depois, abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe presentes: ouro, incenso e mirra. E, avisados em sonhos para não voltarem à presença de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

REFLEXÃO

Com a Epifania – que significa ‘manifestação’ – há de ser recordado para sempre que todos “recebem a mesma herança, pertencem ao mesmo corpo e

participam da mesma promessa”. Jesus Cristo não veio para alguns, mas para todos.

“Recebem a mesma herança”

A novidade trazida por Jesus Cristo, segundo a Carta aos Efésios, comprovada pelo relato dos Magos, é que os ‘gentios’, quer dizer, todos os que não eram judeus, “recebem a mesma herança, pertencem ao mesmo corpo e participam da mesma promessa”. Hoje, pode-nos parecer evidente esta universalidade da salvação. Não o era, naquele tempo, em especial para os mais acérrimos defensores do judaísmo. Em teoria, até admitimos que todos são merecedores do melhor. Todos, talvez não! Na prática, continua a ser ‘novidade’ ainda não realizada, quando o melhor fica reservado apenas para nós e para os nossos familiares e amigos, depois para os nossos conhecidos, e talvez, se sobrar, tenhamos a condescendência de o ofertar a mais alguém.

“Levanta-te [...], chegou a tua luz [...]. Olha ao redor e vê”, grita o profeta Isaías. Que a luz do Natal cure a cegueira do nosso coração! Que a luz do Natal faça palpitar e dilatar o nosso coração! Este é o caminho da nossa plena maturidade: a todos olhar como irmãos, a todos abençoar com a mesma alegria, a todos oferecer a mesma fraternidade, a todos abraçar com a mesma confiança, a todos amar como filhos de Deus.

Deus manifestou-se na carne humana de Jesus, o recém-nascido adorado pelos Magos. A Epifania condensa o mistério do Natal: Deus, ao assumir a nossa humanidade, revela-nos o amor sem fronteiras, sem qualquer barreira cultural, étnica, sociológica, política, linguística. A luz e a vida divinas são património da humanidade.

A ‘série’ de Natal, em cinco episódios, mostrou-nos a importância de cuidar o mistério do ‘ser-filho’ e ‘ser-criança’ com o olhar fixo no Deus Menino: “Se não vos

tornardes como este Filho”.

A vida já não é só a realidade fisiológica que tem na morte o último suspiro, é o sinal visível do amor de Deus que se faz carne no seio de uma mulher. O mistério da Incarnação é ponto de partida para que cada um de nós aprenda a (re)nascer como filho de Deus e a ‘incarnar’ o amor na relação com os outros, rumo à plena maturidade.

Acima de tudo, ser criança

O nascimento é dom de Deus. Os pais dizem ‘sim’ a esse dom, unem-se na doação da vida, alimentam-na no útero materno, preparam-se para dela cuidar, aguardam a surpresa dos primeiros passos e o balbuciar das primeiras palavras. Juntos, põem-se a caminho, guiados pela esperança de uma grande alegria. Chega, entretanto, a hora em que o ‘sim’ dos pais se torna o ‘sim’ dos filhos. Abraço com confiança esse dom de amor imerecido que me permite continuar a ‘ser-filho’ e ‘ser-criança’, para além da idade biológica. Eis o paradoxo: “só podemos tornar-nos verdadeiramente adultos, se nos fizermos como crianças, e só nos tornaremos como crianças de um modo sadio, se enveredarmos pelo caminho da maturidade espiritual” (Timothy Radcliffe).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

O ministro do altar está num lugar privilegiado durante a celebração. Ele pode observar as pessoas da assembleia e seguir o conselho do Profeta Isaías falando de Jerusalém: “Olha ao redor e vê: todos se reúnem e vêm ao teu encontro”. Que essa visão seja um motivo de acção de graças, de júbilo, de palpitação do coração pela universalidade do chamamento de Deus que a solenidade da Epifania celebra.



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias da solenidade da Epifania do Senhor (*Missal Romano*, 151-152)

Prefácio: Prefácio da Epifania (*Missal Romano*, 460)

Oração Eucarística: Oração Eucarística III (*Missal Romano*, 529ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Família: Fazer um passeio em família pela natureza e contemplar a beleza de viver no mundo que Deus criou para nós. Conversar com os filhos sobre a importância de preservar a criação.. (*Há também sugestões para a Catequese, os Jovens e as Escolas, que podem ser consultadas na versão completa da preparação da Liturgia em formato digital.*)



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** Levanta-te, Jerusalém – F. Santos
- **Glória:** Glória a Deus nas alturas – F. Santos
- **Apresentação dos dons:** És Príncipe – M. Luís
- **Comunhão:** A vida que estava junto do Pai – A. Cartageno
- **Pós-Comunhão:** Senhor, Tu és a luz – Az. Oliveira
- **Final:** Uns Magos vindos do além – F. Silva

Leitores

A Palavra de Deus permite-nos aprofundar o mistério de Cristo. Mas isso pode servir para nos aproximar de Deus, como Paulo, ou para nos afastar d'Ele, como Herodes. Por isso, o leitor deve pedir a Deus, não só o dom de uma boa leitura, mas também a pureza de coração para que a leitura dê bons frutos. Façamos nossa a oração de quem lê o Evangelho: "Por este Santo Evangelho, perdoai-nos, Senhor".

Ministros Extraordinários da Comunhão

Deus habita no mais íntimo de cada baptizado. Por isso, ao levar o Corpo de Cristo aos doentes, o MEC vai levar o dom de Deus em seu Filho àquele que já é habitação de Deus pelo baptismo. Realiza-se, de outra forma, o que dizia Santo Agostinho: "Recebi aquilo que sois". A Igreja é o Corpo de Cristo e, quando comunga, recebe o Corpo de Cristo. Como os Magos, vamos, pois, aos doentes como quem procura Deus.

Músicos

A música litúrgica não é etnicamente determinada. Ela apenas deverá ser do

melhor que cada nação e cada cultura produzem. A mediocridade deve ser sempre excluída das celebrações. A música litúrgica deve ser ouro, porque da melhor qualidade, quer na escrita quer na execução; deve ser incenso, porque feita e executada só para Deus; e mirra, porque terá que estar profundamente enraizada na nossa humanidade.

Celebrar em comunidade

Procissão de entrada e final

A manifestação de Deus a todo o mundo é celebrada na epifania. Para deixar que a sua luz brilhe sobre nós e sobre os destinatários da nossa missão, sugere-se que o Círio Pascal aceso presida às procissões de entrada e final da celebração. Também se poderá usar o incenso nos vários momentos da celebração, inclusive para incensar o Círio Pascal.

Evangelho para a vida

O Evangelho de Mateus narra a procura de Deus como uma viagem: os magos que caminham juntos, atentos às estrelas e atentos uns aos outros. Este caminho não é isento de erros: perdem a estrela,

encontram a grande cidade em vez da pequena povoação; perguntam pelo menino a um assassino de meninos; procuram um palácio e encontram um casebre. Mas têm a infinita paciência de recomeçar. O nosso drama não é cair, mas rendermo-nos às quedas. Os magos compreendem a urgência de visitar e prestar adoração, transportarem até ao Deus menino as próprias vidas, mais do que os presentes. Visitar é o presente mais imprescindível, refletindo o desejo de ver Deus, para além das nossas fadigas e incapacidades. Visitar o menino é sinónimo de uma vontade de cura pelo toque e olhar de um Deus pequeno que se ama e acolhe. Permanece a mensagem de esperança: há um Deus dos distantes, dos caminhos, dos céus abertos, das dunas infinitas, e todos têm a sua estrada. Há um Deus que te faz respirar, que está numa casa e não no templo, na pequena Belém e não na grande Jerusalém. E os Herodes podem opor-se à verdade, travar a sua difusão, mas nunca detê-la, porque ela, em todo o caso, vencerá. Mesmo que seja frágil como uma criança.

Oração Universal

Caríssimos cristãos: oremos juntos ao Pai, que está nos céus, pedindo-Lhe que faça brilhar sobre as pessoas a sua luz de verdade e de vida, dizendo com alegria:

R. Toda a terra Vos adore, Senhor Deus do Universo.

1. Pela Igreja e por todos os seus filhos, para que sejam luz que ilumina, ao proclamarem as glórias do Senhor, oremos.
2. Pelos bispos, presbíteros e diáconos, e por todos os anunciadores da Boa Nova, para que a tornem atraente em suas palavras, oremos.
3. Pelos que não chegaram ainda à luz da fé, para que, seguindo a estrela de Belém, possam vir a adorar o Salvador, oremos.
4. Por aqueles que, sem descanso e sem fadiga, trabalham pela concórdia e pela paz, para que a vejam despontar no horizonte, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Viemos adorá-l’O”

EPIFANIA NATAL
ANO C · 22



LABORATÓRIODAFÉ



MENSAGEM DE NATAL DE D. JORGE ORTIGA

PARA QUE A NOITE PASSE

O Natal foi sempre tempo de sonhos. Mas nós, católicos, sonhamos juntos uma Igreja sinodal e samaritana como fermento de um mundo mais irmão e solidário. Queremos que tudo resulte da vontade de viver a caridade intensamente, não de um modo teórico mas com gestos. Os gestos identificam-nos e geram esse mundo novo iniciado em Belém.

Tudo parece desmentir esta lógica. Como Isaías, perguntamos. "Sentinela, em que altura vai a noite?" (Is 21,11). Interroguem-nos: quando voltará a normalidade?

Temos a noite da pandemia e, em simultâneo, assistimos à evolução egoísta da sociedade. Como resposta consciente, teremos de ir colocando estrelas. Podem parecer pequenas e insignificantes. Brilharão e mostrarão o caminho que juntos devemos percorrer. Eis a meta do Natal.

– Olho para a sociedade e deparo-me com uma tremenda **indiferença** perante os seus males. É preciso ressuscitar a

atenção ao mundo real para o conhecer e reagir.

– Verifico **imensas zangas ou conflitos** entre pessoas, famílias, partidos. Terei de assumir o dever da reconciliação e de a promover no coração das pessoas.

– Ouço **contínuas críticas** no quotidiano da vida e descrições parciais compradas ou interesseiras nos meios de comunicação social. Necessito de repor a verdade e permitir que acreditemos sem suspeitas.

– O **egoísmo** impregnou-se como um estilo de vida, considerado normal ou necessário para se viver tranquilamente. É urgente partir de um coração sensível e aberto à solidariedade, com muito ou com pouco, transformando a sociedade através da partilha e do dom.

– Impressiona-me o **consumismo** na avidez de ter o necessário ou o que os meios digitais e a moda propõem. É humano ter vida sóbria, onde nada falta, e, ao mesmo tempo, reconhecer que só a partilha constrói um mundo de fraternidade e igualdade.

– O mundo nas suas conquistas está marcado pela **tristeza**, na vida de cada um, nas famílias, nos empregos, na política. Parece que se perdeu o encanto, mas a alegria tem de ser conquistada e

oferecida.

Merecemos uma sociedade de maior confiança com sentimentos externos de verdadeira felicidade.

Quando passará a noite? Não o sabemos. Temos uma certeza: o natal deve proporcionar alguns raios de luz.

Os pequenos gestos mudarão muita coisa. Caminhemos juntos, e, quais samaritanos, ajudemo-nos na caminhada, acendendo estrelas de atenção aos outros, de reconciliação, de coragem de ver o positivo, de expressar solidariedade, de mostrar gestos de partilha e de lutar pela alegria. O Natal, ainda em pandemia e com tantas limitações, será belo e ajudará a encarar o futuro com maior seriedade. Vamos semear estrelas no lugar onde estivermos? A aurora começará a raiar.

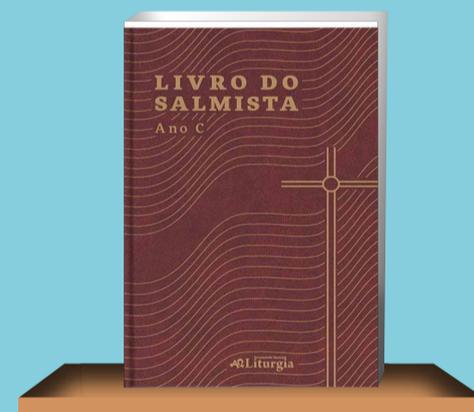
Bom Natal!

† Jorge Ortiga,
Administrador Apostólico



LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO
10% Desconto*
LIVRO DA SEMANA
18€

LIVRO DO SALMISTA ANO C



Seleção de Salmos Responsoriais para o Ano C, destinada aos domingos, solenidades e festas do Senhor. Partituras de vários autores.

Compre online em www.livrariadm.pt

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 23 a 30 de Dezembro de 2021.